Release

Linha fina

Obra central da filosofia militante e assistemática de Miguel de Unamuno, autor espanhol da virada do século XIX para o XX.

# Título

Do sentimento trágico da vida

# Autor

Miguel de Unamuno

# Nacionalidade

Espanhola

# Coedição

# Título original

Del sentimiento trágico de la vida

# Copyright

John O'Kuinghttons (trad.)

# Categoria

Filosofia espanhola

# Escola

Existencialismo

# Palavras-chave

filosofia espanhola, existencialismo

Categorias BISAC

PHI000000 - Filosofia / Geral

LIT004150 - Literatura / Ensaios

PHI018000 - Filosofia / Existencialismo

Categorias THEMA

QD - Filosofia

DC - Ensaio e discurso literário

HPX - Filosofia Existencialista

Coleção

Hedra Edições

# Edição

Jorge Sallum e Suzana Salama

# Tradução e introdução

John Lionel O'Kuinghttons Rodríguez é escritor chileno, professor e tradutor de espanhol. Formado em literatura e linguística pela Universidade Católica do Chile, com mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorado pela Universidade de São Paulo (2015) na área de Literatura Espanhola. Publicou *La Blanca Señora de mi Barrio* (Saraiva, 2000), *Antología Crítica de la Literatura Hispano-Americana* e *La Acentuación* (Letraviva, 2005), além de professor e autor de livros didáticos para o ensino fundamental e médio. Traduziu ainda, para o espanhol, diversas obras de Rubem Fonseca, como *Romance negro* e *O seminarista*.

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 22/2/2024

# Sobre o livro

*Do sentimento trágico da vida* (1913) é uma obra filosófica pouco usual, conscientemente composta sem qualquer sistematização. Como crítica ao positivismo e ao racionalismo militante, e com forte apelo à irracionalidade, Unamuno postula a cisão entre a razão cética e a fé crédula, em busca de um lugar para os desejos do homem e a identidade entre homem e mundo, dialogando com pensadores como Espinosa e Friedrich Nietzsche, sob a influência de Kierkegaard e Inácio de Loyola. Num embate constante com a razão, a fé assume um papel privilegiado, gerando a constante angústia da vida, que Unamuno chama de “sentimento trágico”, e que se manifesta, para além do autor, ao longo de toda a história, nos indivíduos e povos verdadeiramente heroicos.

# Sobre o autor

Miguel de Unamuno (1864, Bilbao–1936, Salamanca), filósofo e escritor pertencente à Geração de 1898 espanhola, que também incluiu nomes como Valle-Inclán, Azorín e Manuel Machado, estudou letras e filosofia na Universidade de Madrid, onde se doutorou em 1884 com tese sobre a língua basca. Em 1901 é nomeado reitor da Universidade de Salamanca, sendo destituído do cargo inúmeras vezes por divergências com o governo. Assume posições políticas diversas ao longo da vida, desde o socialismo até o apoio à Segunda República Espanhola, com a qual, porém, se desilude rapidamente, defendendo a insurreição militar que viria a instaurar o regime franquista, pelo qual logo perderia o entusiasmo. É célebre a sua fala, dirigida às forças franquistas, “vencereis... mas não convencereis”. Escreveu ensaio, novela, drama e poesia, passando pelas narrativas com registro autobiográfico, como *Paz en la guerra* (1895). Filósofo militante e sem sistema, em seus ensaios trata de questões socialmente relevantes, principalmente a da própria situação da Espanha, como em *Vida de Don Quijote y Sancho*. A respeito dessa extensa obra, o próprio Unamuno afirmou que girava em torno de uma só ideia: a morte, a decadência e decomposição da carne e a fome de imortalidade.

# Trechos do livro

## Trecho 1: filosofia e poesia

Corresponde-nos dizer, antes de mais nada, que a filosofia se inclina mais para a poesia do que para a ciência. Os sistemas filosóficos que surgiram como suprema harmonia dos resultados finais das ciências particulares, num período qualquer, tiveram muito menos consistência e menos vida que aqueles que representavam o anseio integral do espírito de seu autor.

## Trecho 2: todo homem prefere a si mesmo

Várias vezes foi dito que todo homem desgraçado prefere ser quem é, mesmo com suas desgraças, antes de ser outro sem elas, porque os homens desgraçados, quando conservam a sanidade em sua desgraça, quando se esforçam por perseverar em seu ser, preferem a desgraça à não existência. De mim eu sei dizer que quando era moço, e até criança, não me convenceram as patéticas pinturas que faziam para mim do inferno, pois desde aquela época eu não achava nada tão horrível quanto o nada mesmo. Era uma furiosa fome de ser, um apetite de divindade, como disse o nosso asceta.

## Trecho 3: a vaidade do mundo e o amor

A vaidade do mundo e sua passagem e o amor são as duas notas radicais e íntimas da verdadeira poesia. E são duas notas que não podem soar separadamente. O sentimento da vaidade do mundo passageiro promove o amor, a única coisa em que o que é vão e transitório é vencido, a única coisa que preenche e eterniza a vida, pelo menos na aparência, que na realidade…

## Trecho 4: desespero e esperança

Nem o anseio vital de imortalidade humana encontra confirmação racional nem a razão nos dá estímulo e consolo de vida e verdadeira finalidade para ela. Mas eis que no fundo do abismo se enfrentam o desespero sentimental e volitivo e o ceticismo racional, e se abraçam como irmãos. E será desse abraço, um abraço trágico, ou seja, intimamente amoroso, donde brotará um manancial de vida, de uma vida séria e terrível. O ceticismo, a incerteza, última posição aonde chega a razão exercendo sua análise sobre si mesma, sobre sua própria validade, é o fundamento sobre o qual o desespero do sentimento vital fundará sua esperança.

Imprensa